

As respostas dadas pelos oito participantes – aqui referenciados pelas siglas D1 a D8 – trabalhadores das quatro montadoras – referenciados pelas siglas M1 a M4 – relativas aos aspectos mais difíceis da prática revelam detalhes do cotidiano da profissão.

O volume de dados coletados resultantes de cada uma das categorias e seus respectivos temas encontram-se discutidos em detalhes no documento original – [1] –, entretanto, como o foco do artigo trata dos desafios da profissão que podem desencadear situações de conflito, serão apresentadas as posturas dos profissionais em relação a tais aspectos. Todas essas posturas permearam as diferentes categorias de análise. A seguir elas serão apresentadas na ordem de aparição, no decorrer da análise de conteúdo das entrevistas, junto às siglas dos designers que as manifestaram, acrescidas da transcrição na íntegra das falas de alguns designers visando uma melhor compreensão e fundamentação sobre o conteúdo abordado.

A maioria dos participantes da pesquisa (D1, D2, D3, D4, D6, D7 e D8) identificaram que executam uma prática interdisciplinar, mas também explicitaram o fato de que esta prática não se faz apenas do suporte proveniente das demais áreas ao trabalho dos designers, existindo antes interferências diretas de outras áreas, notadamente engenharia, marketing e custos, no decorrer do processo de design de automóveis, como destacou D8: “Olha a interação realmente é muito intensa é... o tempo todo ela acontece... o tempo inteiro a gente tá relacionado tanto com a engenharia, quanto com a questão de custo do projeto”.

Tais interferências por vezes são percebidas como positivas na medida em que instrumentalizam o designer para a melhoria e adequação de projetos (D2, D4, D5 e D8) como destaca a fala de D4: “Quanto mais o designer e o departamento de design interagem com outras áreas, de planejamento, de marketing, de custos, finanças, mais eu acho que [pausa] de mais excelência vai ser o produto final”.

Mas, em sua maioria, as intervenções das demais áreas no decorrer do processo de design são vistas pelos designers como negativas (D1, D2, D4, D5 e D6), resultando inclusive em

conflitos e até mesmo brigas oriundas de divergências na prática, como destacaram os participantes D1 “[...] é... tem muita discussão e muita assim... briga até, às vezes, pra viabilizar o que a gente quer...” e D6 “A gente às vezes tem muitas brigas principalmente com a engenharia, o marketing nem tanto [...] a engenharia ainda trava muito o trabalho dos designers no Brasil [...] hoje em dia todos os carros são iguais, as tecnologias são as mesmas, os fornecedores são os mesmos, então o quê que tem que diferencia um produto de uma companhia pra outra é o design, não é só a aparência, é a inovação, é o quê que a gente oferece a mais que vai chamar a atenção do consumidor”.

Em termos de prática de projeto, estas intervenções refletem em alterações diretas nos produtos em diferentes níveis e fases desenvolvimento (D2, D5, D6, D7 e D8), o que torna este um ponto nevrálgico da relação entre os designers e os demais profissionais provenientes de outras áreas, as quais por vezes são responsáveis pelas primeiras diretrizes do projeto – papel este que, espera-se que seja desempenhado também pelos designers em uma construção conjunta com as demais áreas – como revelou a fala de D6 “[...] hoje no Brasil a gente ainda tem que... primeiro decide-se as coisa na engenharia, depois decidem as coisas no marketing e depois eles passam isso pra gente. E não deveria ser assim. Eu acho que as discussões deveriam ser de forma equalizada assim”.

Também o participante D5 revelou que o projeto do veículo por vezes perde por conta destas intervenções “E custos também, porque vira e mexe precisa ir cortando pra ter, o... o valor do carro que ele precisa e tá no final, o posicionamento com a concorrência, e aí então acaba também denegrindo vai, aquilo que a gente propôs no começo [...]”.

Por outro lado, as dificuldades enfrentadas pelos designers na atuação em conjunto às outras áreas também foram indicadas como reflexo de um déficit de formação dos próprios designers, como destacou o participante D3: “[...] é uma profissão muito difícil, porque normalmente todos os designers que saem da escola tem um pensamento... muito vamos dizer assim, muito ingênuo da função do designer [...]”